



FAUSTO

16. ORGIA

Embebeda-se e, por fim, queima a taberna. E todos pela estrada fora dançam.

Fausto na Taberna.
Gravura.



«Isto de vida é a gente gozar e após gozar gozar mais,
entendeste?»

[FRANZ]:

Isto de ser soldado
Tem uma filosofia obrigatória
Como o pé ao fim da perna. Hoje vivo
Amanhã morto. . . D'aqui se conclui
Que sendo o vivo vivo enquanto é vivo
É morto é morto.

OUTRO:

Tira-lhe o cangirão da mão oh Vesgo

[FRANZ]:

Ia eu dizendo — deixa o cangirão! —
Que quem hoje vive e que não sabe
Se amanhã viverá é viver hoje
Por amanhã. Como isto de amanhã
Nem é aí um dia, mas é muitos
Enquanto a gente vive é ir vivendo
Em cada dia como se ele fosse
Uma vida completa

—

Bravo o vinho

Faz a este pensar. O que diria
O teu tio bêbado, oh Francisco?

[FRANZ]:

É esta

A tal filosofia do soldado
A qual, senhores, a pensarmos bem
É a de toda a vida. E não é pouco.

FAUSTO:

Dá-te o vinho razão, amigo. O homem
É um soldado. E este com certeza
De morrer no combate de amanhã.
Portanto a tal (...) filosofia
Que entre goles aí me gaguejaste
É mais certa que pensas, meu amigo.
É viver hoje que amanhã na vida
Não há talvez — é certo — vem a morte.
Bebo à saúde aqui do nosso amigo!

TODOS:

À saúde do Franz!

[FRANZ]:

Vá que o mereço!

Mas olha lá: dá cá o cangirão
Então só eu não beberei à minha?

OUTRO:

Vá que é beber-lhe bem.

Não é por ser

Minha saúde. É só por ser vinho
Minha mãe! Minha triste vida!
Minha sorte!

(Chora)

OUTRO:

O que é isso?

[FRANZ]:

O cangirão

Não tem mais vinho! Caguei vida. Rei e corno!
Um rei corno — isso sabe a não sei o quê!
E o cangirão já não tem quase nada
O rei corno e eu sem vinho.

(cai para debaixo da mesa)

FAUSTO:

Arre que besta! Mas tem sua graça!
Está abraçado ao cangirão
Diz que é uma rainha.

[FRANZ]:

Dá-me cá mais um gole
Que isto de leite e corpo de rainha
Não é com quatro goles que se entende.
Um rei corno — isso é grande! Alma danada
Onde é que me escondeste ó cangirão?
(de debaixo da mesa)
Já o rei é corno!

FAUSTO:

Lá quanto a Deus
Quando o sinto a amargar-me a boca muito
Faço isto
(bebe)

Tomo um gole. E vai p'ra baixo.

TODOS:

Viva Fausto! Eia, viva! viva! viva!

FRITZ:

Mas a vida rapaz?

FAUSTO:

Caguei p'rá vida!

FRITZ:

Toma! É assim rapaz! Canta-me dessas!
És cá dos meus, apesar de doutor. . .

TODOS:

Doutor? Isto Doutor? Viva o Doutor!

FAUSTO:

Morra o doutor e viva Fausto! É assim!

TODOS:

Bravo. Morra o doutor e viva Fausto!

FRANZ:

. . .Revolta. . . Não compreendo bem
Passa-me o cangirão que já te entendo.
Sem mais dois goles não percebo nada.

FAUSTO:

Já percebes
Estupor avinhado? Já me entendes?
Isto de vida — ouve — é sentir tudo
Meter o agradável num só dia
Como o pé num chinelo. Deixa lá
O cangirão e ouve... Isto de vida
É a gente gozar e após gozar
Gozar mais, entendeste?

FRANZ:

E depois disso?

FAUSTO:

Depois disso gozar mais ainda.

— Deixa-o lá. Só tem força p'ra beber.
Não vê já mais que o olho do gargalo.

FRITZ:

Que é isso?

FRANZ:

Quero piscar o olho. Já me custa!
Arre! Ou fecho ambos ou então nenhum.
Bebendo mais um gole isto já passa...

FAUSTO:

Eu queria obter
Uma enormidade de sensações
Daquelas mais intensas que nós temos
arrepio, calor, etcetra e tal...
Isso como diz o matemático
Elevado ao infinito e num momento
Aqui é que é tentar chegar...

UM:

«Arrepio, calor, etcetra e tal»
O que não se diz fica por dizer.

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 142.